

O MILIONARIO

FALACCI, Oriana. *Os antipáticos*. Rio de Janeiro: Editora Sucessos Internacionais, s.d. pp. 73-75.

Baby estava à minha espera no “pied-à-terre” parisiense de sua esposa Ira Furstenberg e era bem diferente do despreocupado estouvadão que descrevem em Roma ou do severo industrial que descrevem em São Paulo. De fato, não se parecia nem com um nem com outro: parecia-se antes com esses deliciosos e inúteis diplomatas que os contribuintes pagam sem resultado algum em qualquer país do mundo. Seu terno era cinzento, sua camisa era branca, sua gravata era azul. Seu corpo era muito longo, esbelto, cheirava a sais de banho: dos ingleses, pareceu-me. Seu sorriso era estável, nem muito parcimonioso nem muito acentuado: bastava para descobrir na justa medida os seus dentes, que são lindos. Seu rosto estava enriquecido por muitas ruguinhas sedutoras que inutilmente (ao que me contaram), ele vai alisar no salão de beleza das irmãs Carita, “coiffeuses pour dames” que também cuidam dos seus cabelos. Seus cabelos eram salpicados de cinza: mas daquele cinza que só os homens ricos ostentam e que lembra a prata da casa quando está um pouco suja e já perdeu o brilho.

Dos diplomatas e dos ricaços, Baby tinha até os gestos lentos, seguros: de quem está sempre caindo de pé, se é que cai. Depois dos gestos, o “erre”: frouxo, mas tão frouxo que lá pelas tantas deixa de ser frouxo para não mais existir. Depois do “erre” a voz: “bvanda”, “açucavada”, “covtês”. E usava-a para dizer-me que não daria nenhuma entrevista: eu só estava lá para tomar um cafezinho, a pedido de Ira, que lê os meus artigos. Enquanto ia falando oferecia-me, sorrindo, o café que um garçom de passos felpudos deixara sobre a mesa, desaparecendo em seguida como um fantasma bem educado. Eu gostava de café quente ou morno? Morno não, não presta. Mas gelado é ótimo, principalmente no verão. Contanto que seja forte, é claro. Quando está bem torrado, o café parece mais forte. Nos Estados Unidos torram-no pouco: mais parece chá. No Brasil é bem torrado, mas tem gosto de chocolate. Por que eu não gostava de café brasileiro? Oh, sim, eu gostava, gostava, sim: mas, com sua licença, preferia o porto-riquenho. Não diga! Digo. Até comprara seis pacotes de meio quilo em San Juan. O fato é que aquele não precisa de muito açúcar: já vem meio açucarado, sabe lá por que. Quanto açúcar? Duas. Eu, três. Há quem tome sem açúcar. Como é que pode, meu Deus. E esses que botam mel, então? ...

O entendimento entre mim e Baby nasceu por causa do café. Aliás, por causa de uma maquininha de fazer café. Na Itália, Baby comprara uma máquina de fazer café: expresso, como nos bares. Gostava imensamente da maquininha, insistia em falar nela, enlevado como se se tratasse de um afresco de Giotto; e como eu também possuísse a tal maquininha, lá pelas tantas observei: “Sim, mas sai morno”. A pungente declaração provocou uma polêmica sobre se era lícito ou não aquecer o café, e por havermos ambos concordado em que não havia mal nenhum em aquecê-lo, basta aquecê-lo um pouco, sem deixar ferver, e mesmo que ferva, paciência, consegui o que queria. Satisfiz até uma curiosidade que me afligia há bastante tempo: como é que um homem que dentro em pouco estará com cinquenta anos se faz chamar Baby, que quer dizer bebê. O único senão em tanta alegria foi não gravar sua voz. Baby, que tem um temperamento forte, não quis de jeito nenhum falar diante do microfone; e, assim, a entrevista que se segue possui um raríssimo defeito

ou qualidade: é a única que não foi reproduzida pelo gravador, mas por anotações. É bem verdade que Baby tornou a lê-la e declarou que eu havia escrito exatamente o que ele dissera. "Extraordinário, incrível! Puxa, que memória!" Memória uma ova: fiquei dois dias com a mão atrofiada, eu berrava de dor só de apertar o batom entre os dedos. Levava quatro boas horas tomando as anotações. Sempre é bom a gente se prevenir contra aqueles que começam por declarar que não querem dar entrevistas.

Durante aquelas quatro horas, Baby ofereceu-me cinco cafezinhos e recebeu oito telefonemas internacionais: Nova York, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Okinawa, Honolulu, São Paulo, novamente São Paulo e novamente Nova York. Assim, por alto, já que as chamadas sempre partiram dele, trezentas mil liras de despesa. Baby, até os recém-nascidos sabem disso, é milionário: um dos milionários mais milionários do mundo. Também me ofereceu conhaque, duas ou três vezes, acho, mas o garçom não precisou aparecer para servi-lo, pois Baby esconde a garrafa. Talvez o garçom beba o conhaque, não devemos confiar nos garçons. Lá pelo segundo conhaque chegou Ira, que havia ido fazer compras mas não comprara nada, considerando que tudo está tão caro, em Paris: pedem mil francos por um lenço. Ira é muito econômica: o assunto que mais a animava, além dos dois filhos que o ex-marido Afonso Hohenlohe não quer devolver-lhe, era a casa de Baby em São Paulo. Essa casa tem sessenta e dois quartos, cinema, boate, piscina coberta, piscina descoberta; para cuidar dela são necessárias dezenas de criados: uma despesa terrível. Assim, Ira quisera uma casa menor e o problema era o seguinte: o que faremos com a antiga, vamos vendê-la ou não vamos vendê-la? Ira queria vendê-la, Baby não, e discutiam acaloradamente o assunto, enquanto o crepúsculo dourava o obelisco de Place Vendôme e os últimos raios de sol aqueciam a sala decorada com móveis e objetos raros. "Mas Baby!" "Mas Ira!" Para resolver com qual dos dois estava a razão até me convidaram para ir a São Paulo, onde eu veria as duas casas e pronunciaria o veredicto. Só não disseram que pagariam minha passagem de avião, seiscentas mil liras na classe turística, e eu tive que desistir do convite explicando que já estava comprometida para um safari no Quênia.

Foi pena, pois eu teria gostado de tornar a vê-los em São Paulo, de estar novamente com eles. Baby e Ira são tão simpáticos; Baby, então, é simpaticíssimo. Tão simpático que se se divorciasse de Ira e me pedisse em casamento eu não hesitaria um instante e iria correndo à pretoria com ele. Enquanto os meus dedos se atrofiavam tomando as anotações, eu olhava para ele por debaixo das pestanas e pensava em como era simpático, certamente o homem mais simpático que já conhecera. Depois eu fechava os olhos, com um profundo suspiro, e pensava que há menos de sessenta anos um avô calabrés de nome Francesco Pignatari subira num navio de imigrantes, em Palermo, e viajara quase um mês no porão para chegar, sem tostão, ao grande país onde cresce o café.